

sangue novo

Camila Balbueno fala aos corações solitários

Andressa Pufal

Dei *play* pela primeira vez em *Por Enquanto*, último lançamento de Camila Balbueno, para produzir esta matéria. Fui capturada por um magnífico *groove* de sopros, teclas e guitarras que me seguraram na canção até o fim e me fizeram ansiosa para os próximos acordes. A voz de Camila chega entoando a composição de 2013 em uma harmonia completa. A canção, mesmo que escrita há mais de uma década, é super atual e reflete muito bem as relações amorosas dos dias de hoje - tema preferencial da compositora que “canta de amor e mata saudades”.

Entoando os versos *Me pega / Ou me larga de vez*, Camila trans-

forma em música a liquidez das relações e os obstáculos que dificultam a construção de relações profundas e duradouras, realidade que causa angústia a muitos corações solitários. “Fico feliz que mesmo depois de anos, a música consiga conversar com as pessoas e fazer com que elas se identifiquem”, comenta.

“Mas é bom, porque, no passado, parece que a pista não era tão salgada quanto hoje, então essa identificação acho que rola mais agora, mesmo”. Indagada por esta repórter, que há anos escuta tragicômicas histórias das amigas solteiras, se houve algum momento em que, de fato, a pista não estivesse tão salobra, a compositora brinca: “é, talvez a pista tenha sido sempre um gran-

de charque!”

Com referências que vão de Tim Maia a Vanessa da Mata, *Por Enquanto* traz um refrão chiclete que adoça um pouco a salmoura da letra e encontra ao fundo o auge do arranjo de sopros - uma novidade nas canções de Camila e que dá um tempero a mais à composição. Em um mundo em que “se chuta uma moita e saem 50 cantores falando sobre o amor”, Camila diz que está em constante busca pela própria voz e identidade, tentando encontrar sua forma singular de falar sobre o tema mais universal do mundo humano.

“A forma que eu encontrei para fazer isso é me aprofundando mais no que eu acho que é o amor e o que ele significa. Desconstruindo um pouco o que a gente entende do que é o amor. Questionando as coisas que a gente vê em comédias românticas. Será que aquilo é bacana quando aplicado na realidade?”, reflete.

Com mais de uma década de trajetória na cena independente, a cantora tentou de toda a forma fugir da vida artística, apesar de vir de uma família que sempre a incentivou a seguir na música (“era engraçado: quando eu era crian-



Último lançamento da cantora é a faixa *Por Enquanto*, disponível para *streaming*

ça, às vezes eu cantava no banho e depois meu pai vinha dizer ‘ó, tu desafinou naquela parte!’. Foi uma influência muito positiva na minha carreira”). A virada de chave veio na pandemia: “se algo acontecer comigo agora, o que eu fiz que me brilhasse o olho?” E, assim, foi atrás do que faria seu coração bater mais forte.

Hoje, Camila Balbueno cole-

ciona mais de uma dezena de lançamentos, já subiu aos palcos dos mais diversos eventos culturais do Estado e, o mais importante, sente que está seguindo no caminho certo. “Todo mundo fala o quanto é difícil viver de arte, principalmente na cena independente, e, de fato é. Mas eu acho que é muito mais difícil viver de qualquer outra coisa que não da arte.”

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz sugestões para aproveitar ao máximo a agenda cultural de Porto Alegre. Teatro, música, festas, literatura, cinema, artes visuais - opção para se divertir é o que não falta!



Se você quer assistir um espetáculo potente, emocionante e divertido, precisa conferir *Onde Está Cassandra?* A montagem da Cia Macarelando celebra os 25 anos de carreira da icônica drag porto-alegrense Cassandra Calabouço em uma obra que mistura dança, teatro, estética drag, *lipsync* e coreografias marcantes. Aclamada pela crítica, a peça usa recortes do diário da artista para narrar memórias e resistência de forma sensível e cômica através de cinco corpos diversos em cena. O espetáculo acontece nesta sexta e no sábado, sempre às 20h, no Teatro do CHC Santa Casa. Ingressos pelo Sympla. Garanta o seu e prestigie a arte local!

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Para quem procura uma pistinha para curtir pós-punk, waves, krautrock e electro, a festa Sintoma, que rola na sexta-feira no Panamá Studio Pub, é a pedida. O evento, que volta após nove meses, é idealizado pela DJ, produtora e designer luizapads, que terá ao seu lado a DJ paulista Camilla Jaded e Jonas Dpsmkr, um já conhecido da cena *underground* porto-alegrense. Jonas, além de guitarrista da banda The Completers, era residente da saudosa festa BREU. Garantia de um som muito bem curado e diferente, uma festa perfeita para quem já está habituado com esse ambiente e também para quem busca uma aventura sonora. Entrada livre, com contribuição espontânea.

Joana Luna Camargo,
repórter-aprendiz do JC



O Grezz tem sido um dos lugares mais legais para curtir boa música ao vivo em Porto Alegre, na minha modesta opinião. Sou suspeita para falar, porque adoro jazz e blues. Mas, nesse sábado, a atração apela para uma das minhas paixões musicais: a canção francesa (fui professora de francês durante alguns anos). E é justamente da consagradíssima Édith Piaf, com seus temas românticos, nostálgicos e sofridos, o repertório trazido pela cantora e compositora Luana Pacheco, acompanhada pela Orquestra Folie. Em *Édith Piaf: uma história contada em canções*, a gente poderá conferir o cancionário de uma das principais personalidades da França do século XX.

Livia Araújo,
repórter de Cidades



Para muita gente (eu incluído), pegar um cineminha no final de semana é um hábito quase sagrado. Para quem não sabe ainda qual vai ser o filme da vez, e ainda não assistiu *Surda*, de Eva Libertad, recomendo aproveitar que ainda está em cartaz e não deixar passar. O filme aborda o capacitismo de forma ao mesmo tempo afiada e sensível, a partir da vivência de um casal (ela com deficiência auditiva, ele ouvinte) que espera a primeira filha. Os questionamentos e preconceitos da sociedade viram um peso cada vez mais angustiante para a mãe, que passa a duvidar da própria capacidade de exercer a maternidade. Filmaço, do tipo que fica na cabeça por dias depois da exibição.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC